

## A presença do calvinismo na crônica *Viagem à terra do Brasil* de Jean de Lery

Prof. Ms. Dario de Araujo Cardoso<sup>i</sup> (UPM, STPJMC)

### Resumo:

*A história do protestantismo no Brasil tem seu marco inicial em 1555 com o estabelecimento de uma base, na Baía da Guanabara, de franceses católicos e protestantes calvinistas sob as ordens de Nicolas Durand de Villegagnon. A partir dessa empreitada, que durou menos de cinco anos, um desses franceses protestantes, Jean de Léry, escreveu uma obra intitulada Viagem à Terra do Brasil classificada como crônica de viagem. Essa obra descreve sua viagem e permanência no Brasil, o território e os habitantes brasileiros. Nesse relato há diversas menções sobre a prática e os valores religiosos do autor. O objetivo desse trabalho é, através de ferramentas de análise do discurso, mostrar como a perspectiva e os valores protestantes calvinistas estão presentes e são importantes para a compreensão da obra de Lery. O relato, debaixo da ótica protestante calvinista, apresenta características relevantes dessa corrente teológica.*

**Palavras-chave:** Calvinismo, França Antártica, Jean de Léry

### Introdução

No intuito de ilustrar a relação entre literatura e teologia e estender tal pesquisa ao campo do protestantismo, o presente estudo procura mostrar como a perspectiva e os valores protestantes calvinistas estão presentes e são importantes para a compreensão da obra *Viagem à terra do Brasil* de Jean de Léry. Com o uso de ferramentas da análise do discurso, o conteúdo da obra a partir de algumas citações significativas será comparado com os aspectos centrais da cosmovisão calvinista tais como: a soberania de Deus, a centralidade das *Escrituras*, o conceito sobre o homem e a evangelização reformada.

### 1. Calvinismo ou movimento reformado

Alder de Matos (2008, p. 148-149) afirma que a Reforma Suíça ou movimento reformado teve maior difusão na Europa que os demais movimentos protestantes do séc. XVI, principalmente por causa da habilidade de João Calvino, cujo trabalho desenvolveu-se em Genebra. Em poucas décadas surgiram igrejas reformadas no sul da Alemanha, na França, nos Países Baixos, na Polônia, na Hungria e nas Ilhas Britânicas. As igrejas reformadas caracterizaram-se pelo esforço de organizar e sistematizar a nova teologia protestante, por novas ênfases e doutrinas peculiares e distintivas e fizeram uso, em especial, dos catecismos e confissões de fé para consolidar e transmitir sua nova identidade doutrinária. “Esse movimento recebeu a designação de “reformado” devido ao entendimento de que estava sendo mais profundo em sua obra de reforma que o movimento alemão ou luterano” (MATOS, 2008, p. 148).

O adjetivo “calvinista” foi usado pela primeira vez pelo polemista luterano Joachim Westphal para referir-se pejorativamente à influência das ideias teológicas dos reformadores suíços, especialmente às de João Calvino, nas regiões da Alemanha consideradas até então luteranas. Posteriormente, passou a ser usado como caricatura pelos opositores da Igreja Reformada. O próprio Calvino protestou, sem sucesso, contra tal uso percebendo nele uma tentativa de estigmatizar e desacreditar a teologia reformada. A despeito da resistência dos teólogos reformados, o termo alcançou amplitude e faz parte do uso comum (MCGRATH, 2007, p. 16-17). No entanto, “o termo ‘reformado’ é preferível a ‘calvinista’ porque esse movimento teve outras fontes além do pensamento de Calvino. Além disso, seus sucessores fizeram modificações sutis na teologia do

reformador de Genebra” (MATOS, 2008, p. 148). No final do século XIX, Abraham Kuyper (2002, p. 22) buscando disciplinar o uso do termo admite seu uso, do ponto de vista filosófico, como “aquele sistema de concepções que, sob a influência da mente mestre de Calvino, levantou-se para dominar diversas esferas da vida”.

De toda forma, a Genebra de Calvino deve ser reconhecida como o mais influente centro formador e propagador do pensamento reformado no século XVI, e as Institutas da Religião Cristã de Calvino sua mais influente sistematização. Pessoas vinham de várias partes da Europa para estudar a teologia reformada com Calvino e voltavam para os seus países levando consigo os elementos centrais daquela renovada compreensão cristã. Dentre esses estudantes, encontra-se Jean de Léry.

A teologia reformada pretende ser absolutamente abrangente, Kuyper, cristão reformado e primeiro ministro da Holanda, produziu uma das mais difundidas expressões dessa abrangência quando, no discurso de dedicação da Universidade Livre de Amsterdã, declarou: “Nenhuma única parte de nosso mundo mental deve ser hermeticamente separada do restante, e não há uma polegada quadrada em todo o domínio da nossa existência humana sobre a qual Cristo, que é o soberano sobre tudo, não clame: ‘Meu’” (apud BRATT, 1998, p. 488). Há quem a considere mais do que uma teologia e identifique como uma cosmovisão, uma filosofia ou um sistema de vida (KUYPER, 2002). Daí ser virtualmente impossível produzir uma descrição completa de seus conceitos. No entanto, algumas de suas ênfases são bem claras. Matos (2008, p. 149) apresenta algumas:

Algumas ênfases especiais da teologia reformada são a plena soberania de Deus, a eleição ou predestinação, o livre-arbítrio entendido como livre agência, a soteriologia monergista que reconhece a prioridade da iniciativa divina, o conceito simbólico dos sacramentos, a noção do pacto (das obras e da graça) e a importância da lei de Deus.

Quanto à teologia de Calvino, Matos (2008, p. 157) destaca os seguintes aspectos gerais:

1. Conteúdo bíblico – apesar da formação humanística, ele rejeitou a teologia natural e especulativa, optando pelas Escrituras como caminho mais seguro para o conhecimento de Deus.
2. Abrangência – à luz da *Bíblia*, o reformador procurou não só abordar todos os temas da teologia, mas um vasto conjunto de questões éticas, políticas, econômicas e sociais.
3. Respeito pela herança cristã – Calvino se dispôs a aceitar todos os elementos proveitosos da tradição dogmática e exegética da igreja antiga
4. Teocentrismo – a teologia calvinista se concentrou no Deus triuno em sua soberania, graça e glória.

Kuyper (2002, p. 40) descreve o calvinismo a partir de três relações fundamentais de toda existência humana: a relação com Deus, com o homem e com o mundo.

Para nossa relação com Deus: uma comunhão imediata do homem com o Eterno, independentemente do sacerdote ou igreja. Para a relação do homem com o homem: o reconhecimento do valor humano em cada pessoa, que é seu em virtude de sua criação conforme a semelhança de Deus, e portanto da igualdade de todos os homens diante de Deus e de seu magistrado. E para nossa relação com o mundo: o reconhecimento que no mundo inteiro a maldição é restringida pela graça, que a vida do mundo deve ser honrada em sua independência, e que devemos, em cada campo, descobrir os tesouros e desenvolver as potências ocultas por Deus na natureza e na vida humana (KUYPER, 2002, p. 40).

Para fins instrumentais, neste trabalho, considera-se calvinismo o sistema de fé e prática que preconiza o controle soberano de Deus sobre todas as coisas, busca o serviço e a glória de Deus em

todos os aspectos da vida, tem a *Bíblia* como fonte e referência de toda análise e comportamento e considera todos os homens criados à imagem e semelhança de Deus mas corrompidos pelo pecado e dependentes de Deus para receber a salvação proposta no evangelho.

## **2. O contexto da obra**

Ainda que alguns tentem demonstrar o contrário (MARIZ, 2005), desde seus dias o assentamento francês na baia de Guanabara, iniciado em 1555, foi visto como uma tentativa de se estabelecer um refúgio calvinista no Novo Mundo. A carta de Francisco de Porto Carreiro ao rei de Portugal, escrita em 20 de abril de 1555 [sic], informa a presença de franceses “estabelecidos à boca da enseada do Rio de Janeiro, com a circunstância de não serem católicos, como até então, porém sim hereges da seita de Calvino” (VARNHAGEN, 1962, p. 285; SILVA, 2003, p. 101).

Os conflitos religiosos na França eram intensos nesse período, tempos de convivência pacífica eram seguidos por conflitos de cruenta violência. A França quinhentista protagonizou uma ferrenha disputa ideológica entre católicos e huguenotes (calvinistas) (SILVA, 2003, p. 97). É suficiente dizer que João Calvino um dos mais ilustres expoentes da reforma, embora francês, passou a maior parte de sua vida alijado de sua terra natal. Essa infeliz circunstância de modo algum deveu-se à recusa de seus ensinamentos em território francês. Pelo contrário, um grande número de franceses, inclusive os da alta sociedade, abertamente desposava a doutrina reformada.

No entanto, a dureza do conflito fez que nos anos 50, os huguenotes vissem na proposta de Nicolas Durand de Villegagnon quanto ao assentamento de franceses na baia de Guanabara, a esperança em um refúgio para eles no Novo Mundo (VARNHAGEN, 196, p. 286; HOLANDA, 2003, p. 167). Sérgio Buarque de Holanda registra a

ideia de uma expatriação voluntária e em massa dos protestantes perseguidos no Velho Mundo para esse decantado asilo ultramarino, e em 1558 já se cuidava seriamente na ida para a França Antártica e de um grupo de 700 a 800 pessoas em duas urcas flamengas fretadas com esse fito (HOLANDA, 2003, p. 177).

No entanto, essas esperanças foram frustradas pelos conflitos entre Villegagnon e os calvinistas em torno, principalmente, da Santa Ceia que culminou com a expulsão destes da colônia e à morte de três deles por ordem de Villegagnon (HOLANDA, 2003, p. 177).

Odiado pelo partido protestante, Villegagnon se viu suspeito por muitos católicos que o acusavam de, a semelhança de Lutero e Calvino, querer impor a seus subordinados uma heresia nova. Em fins de 1558, retornou à França para defender-se deixando os colonos desfalcados em número e coesão e à mercê dos índios Maracajás, aliados dos portugueses, e do novo governador-geral do Brasil, Mem de Sá (HOLANDA, 2003, p. 177). Sem condições de resistir foram expulsos em 1560.

Sobre a importância desse breve empreendimento, Wilton Silva (2003, p. 98) escreve: “Além dessa confrontação do eu e do outro, entre europeus e silvícolas, também coloca em debate as identidades católica e reformada, num encontro tumultuado de trágico fim”. Mais à frente analisa

Outro fator que contribuiu para a originalidade dessa experiência está em que a questão religiosa foi um dos pilares sob o qual se assentava o processo colonizador, e o fracasso desse pode ser firmemente vinculado às polêmicas e rupturas dramáticas (que culminaram na morte de três missionários [sic]) entre os huguenotes e o Cavaleiro de Malta, Nicolas de Villegaignon (SILVA, 2003, p. 98).

A partir dessa empreitada, Jean de Léry, pastor calvinista que à época que esteve no Brasil era sapateiro e estudante de teologia na Genebra de Calvino, escreveu sua obra descrevendo para os franceses as terras brasileiras. Esse tipo de relato de viajantes ficou conhecido na literatura como crônica de viagem. *Viagem à terra do Brasil* foi publicada originalmente em La Rochelle em 1578 e tinha como título: *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*.

*Contenat la navigation, & choses remarquables, veües sur mer par l’auteur. Le comportement de Vilegaignon, em CE país là. Les moeurs & façons de vivre estranges dès Sauvages Ameriquains: avec um colloque de leur langage. Ensemble La description de plusieurs animaux, & autres choses singulieres, & Du tout inconnes par deçà...* (DAHER, 2007, p. 37). Esta não é a primeira crônica acerca do Brasil, a de Hans Staden tem a primazia. Entretanto, a de Léry tem imenso valor nos estudos acerca do Brasil quando do início de sua colonização (ORLANDI, 1990, p. 92). Seu valor antropológico, etnográfico, linguístico, zoológico e botânico pode ser visto nos livros e artigos publicados que a tem como base. No entanto, há da parte de alguns uma nota crítica quanto ao fato do relato partir de um religioso.

Eni Orlandi (1990, p. 7) observa a existência de uma série de discursos de franceses sobre o Brasil. Esses discursos foram produzidos por missionários e não missionários franceses e trazem à tona o chamado “discurso da colonização”. Mais adiante, ela separa os documentos produzidos por missionários entre os índios daqueles escritos por viajantes como Staden, Léry e Thevet. Ainda que reconheça similaridades quanto à produção da imagem e da língua dos índios, ao modo de observação (a vida cotidiana) e a utilização de intérpretes ou das informações de outros; faz distinção por intencionar construir “um conhecimento menos utilitário”, em sua visão “um embrião de uma disciplina científica de observação explícita” (ORLANDI, 1990, pp. 80, 83-84). Segundo Orlandi, o autor não ser missionário conferiria um caráter mais teórico, científico e, portanto, mais elevado ao texto. Léry seria uma notável exceção, ela registra: “Além do respeito que inspira em razão do seu texto, Jean de Léry apresenta ainda uma outra particularidade: ele não é considerado como um missionário, mas um viajante” (ORLANDI, 1990, p. 92). Em seguida, parece desejar diminuir-lhe a qualidade ao demonstrar que mesmo em Léry colonização e trabalho religioso se articulam de maneira significativa e que sua obra é marcada por finalidades prático-religiosas. De modo significativo para esse estudo diz que “sua prática de teologia está, ao contrário, muito presente nos seus escritos. O que o diferencia de outros missionários, nos seus relatos, é que ele fala do lugar da protestante” (ORLANDI, 1990, p. 93). Esse lugar protestante de onde fala Léry pode ser identificado como o calvinismo, como ver-se-á a seguir.

### **3. A presença do calvinismo na crônica de Léry**

Jean de Léry chegou ao Rio de Janeiro em 7 de março de 1557, desembarcando em 10 de março, e embarcou de volta para França em 4 de janeiro de 1558, permanecendo cerca de dez meses, não apenas na ilha, mas também percorrendo aldeias do litoral (AUGRAS, 1991, p. 24).

Em *Viagem à terra do Brasil*, há um uso intenso do tema religioso. Léry vai muito além da descrição da prática religiosa encontrada no Brasil. O livro tem características de um diário que sofre a constante marca da religiosidade de seu autor. Além da descrição, Léry interage confrontando três planos: sua fé, a religiosidade dos indígenas e a religiosidade praticada na Europa. Esse último plano é caracterizado por uma forte crítica.

#### **3.1 A viagem sob a ótica dos reformados**

A primeira parte do livro dedica-se a descrever os motivos que levaram ao projeto de colonização e o conflito religioso que o levou ao fracasso.

Logo no início da dedicatória encontram-se claras marcas da cosmovisão calvinista no escopo da obra. Léry registra que, através do Almirante Gaspar de Coligny, organizador da empreitada, Deus lhe permitira ver as coisas escritas na narrativa. Expressa, assim, o conceito calvinista de que Deus dirige os acontecimentos através das ações dos homens. Em seguida afirma que o propósito de sua viagem fora “estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, entre os franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que havia nesses países” e aponta o valor de sua empreitada afirmando que “não houve desde a antiguidade um chefe francês cristão que estendesse o reino de

Jesus Cristo, rei dos reis e senhor dos senhores, e os limites de seu príncipe soberano a país tão longínquo” (LÉRY, 1980, p. 31). Fica claro que via a si mesmo não como um viajante ou um colono, mas um missionário do reino de Jesus Cristo aos franceses e selvagens que viviam no Brasil.

Mesmo a curta duração e o aborto dessa empresa, sem que tivesse permanecido a religião que ele define como verdadeira e levada pelos franceses, não diminuem a importância do fato uma vez que “o evangelho do filho de Deus foi de nossos dias pregado nessa quarta parte do mundo chamada América” e acrescenta que se “tivesse continuado tão bem como começou tanto o reino espiritual como o temporal aí se achariam enraizados em nossa época” (LÉRY, 1980, p. 31-32). Em decorrência disso, Léry elogia Coligny que, ao promover aquela viagem, “além de entregar novas terras à coroa francesa mostrou ainda o seu zelo para que fosse o evangelho não somente pregado em todo o reino mas ainda em todo o mundo” (LÉRY, 1980, p. 32).

No prefácio, Léry registra a carta a Calvino onde Villegagnon afirmava ter adotado a religião reformada (LÉRY, 1980, p. 38-42) e afirma que “ao sair da França todos haviam prometido adotar a religião reformada que Villegagnon pretendia instituir no Brasil” (LÉRY, 1980, p. 42). No entanto, Léry descreve que a abjuração de Villegagnon ocasionou a partida dos reformados e que os que tiveram que permanecer foram mortos por motivos de ordem religiosa (LÉRY, 1980, p. 42-43).

Léry afirma claramente a importância que dá à religião em seu quadro de referência quando escreve: “vejamos em primeiro lugar o da religião que é um dos pontos principais que eu devo observar entre os homens” (LÉRY, 1980, p. 47). Em seguida, expressa o conceito calvinista da relação entre o homem e Deus ao mencionar sua admiração pela presença da religião dos tupinambás, concordando com os que observam que “ser homem implica o sentimento de uma força superior, e ainda que todos se acham tão presos uns aos outros que, qualquer que seja a maneira de servir a Deus, todos têm uma religião, certa ou errada, não se pode dissimular” e confirma que entre os selvagens da América há “uma inclinação comum para a compreensão de alguma coisa superior a todos, da qual dependem o bem e o mal”. No entanto, deixa claro que esse sentimento não se compara àquilo que se chama de religião. Diz assim: “com referência à Religião, tal como a entendem os outros povos, é possível afirmar abertamente que esses pobres selvagens não têm nenhuma e vivem sem Deus” (LÉRY, 1980, p. 48).

Léry conclui seu prefácio rogando assim os auspícios divinos: “pedirei ao Senhor, autor e conservador de todo o universo, que faça com que esta pequena obra alcance bom êxito para a glória de seu Santo Nome. Amém” (LÉRY, 1980, p. 52). Com isso ele indica que, não só sua viagem, mas o próprio livro que a descreve tem como propósito o serviço da religião cristã ou a glorificação do nome de Deus.

### **3.2 O conceito de soberania de Deus**

A partir do segundo capítulo passa a descrever a viagem em si. Destaca-se aqui a presença do conceito reformado da soberania de Deus expresso em seu poder sobre os elementos naturais. Léry registra: “Assim fomos navegando com grandes dificuldades até ao décimo terceiro dia, quando Deus aplacou as ondas e a tempestade do mar” (LÉRY, 1980, p. 60). Noutro momento em que descreve a rudeza do mar não obstante terem rezado “todos juntos o salmo 107”. Esses registros indicam sua concepção de que Deus exercia controle sobre o mar. O mesmo poder é atribuído a Deus no que diz respeito ao vento no quarto capítulo quando Léry escreve: “[...] bordejamos durante sete semanas nas vizinhanças dessa linha [do Equador] que só conseguimos transpor graças a Deus ao sobrevir vento nordeste” (LÉRY, 1980, p. 75). Não só isso, mas Léry atribui a Deus o próprio fato sobreviverem às tormentas. Aludindo às palavras do *Salmo* 107.25-30, escreve:

Com efeito, não será uma grande maravilha de Deus o fato de subsistir assim em meio a um milhão de sepulcros, quando com a tormenta no mar somos erguidos ao

alto dessas incríveis montanhas de água, como que até o céu, e subitamente jogados tão baixo como se devêssemos submergir nos mais profundos abismos? Indiscutivelmente sim (LÉRY, 1980, p. 61).

No entanto, não apenas o perigo desperta em Léry a lembrança de Deus. Ao descrever o “notável espetáculo” em Berbéria diz: “E isso me leva a recordar as Escrituras e a contemplar essa obra de Deus com grande admiração” (LÉRY, 1980, p. 64). No capítulo XIII, após descrever as virtudes da terra, Léry louva a Deus citando a metrificacão de parte do *Salmo* 104:

Por isso, quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104:

*Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers  
Sont merveilleux par le monde univers:  
Ó que tu as tout fait par grande sagesse!  
Bref, la terre est pleine de ta largesse* (LÉRY, 1980, p. 181)<sup>1</sup>.

### **3.3 A centralidade das *Escrituras***

O papel central desempenhado pela *Bíblia* na teologia reformada pode ser vista em diversos contextos. Os pastores a ser enviados são denominados “ministros da palavra de Deus”. Outros onze componentes da delegação, entre os quais Léry, foram escolhidos entre os estudantes de teologia em Genebra que, depois ouvidos “sobre certos trechos das Santas Escrituras” e exortados acerca de seus deveres pelos ministros de Genebra, foram considerados aptos para assim “transpor o mar com o senhor Du Pont a fim de juntar-se a Villegagnon para anunciarem o evangelho na América” (LÉRY, 1980, p. 55-56). Os valores da religião proposta por Léry são descritos até mesmo no discurso de Villegagnon (LÉRY, 1980, p. 85-86): ela é conforme a palavra de Deus, tem a reforma da religião cristã como característica, busca reprimir os vícios, condena o luxo do vestuário e procura remover tudo o que prejudique o serviço de Deus.

Um exemplo característico diz respeito aos casamentos no assentamento. Villegagnon, buscando disciplinar a união dos normandos com as mulheres selvagens, também ordenou “que nenhum cristão se juntasse às mulheres dos selvagens, sob pena de morte, a menos que fossem antes instruídas na religião, e batizadas.” Tal lei, diz Léry, a despeito das prédicas, não foi observada pelos normandos pois “nenhum indivíduo quis abandonar sua crença e converter-se”. No entanto, os franceses a observaram por ter, conforme aponta Léry, “claro fundamento na palavra de Deus” (LÉRY, 1980, p. 96).

O conflito com Villegagnon se mostra especialmente em temas religiosos ligados à *Bíblia*. Léry escreve que “guiado, porém, por um espírito contraditório, não soube contentar-se com a simplicidade que a Escritura exige dos verdadeiros cristãos em relação aos sacramentos”. São registradas então polêmicas quanto ao modo de celebrar e o benefício da Santa Ceia, ao modo de celebrar o Batismo e ao casamento de ministros. Léry assim resume: “Fiando-se tão somente em sua opinião própria, que não tinha fundamento na palavra de Deus, tudo se pôs a dirigir a seu a seu bel-prazer” (LÉRY, 1980, p. 97).

No capítulo VIII, acerca dos costumes dos indígenas, encerra discorrendo acerca da nudez deles e rebatendo a opinião de que a convivência com “selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria”. Afirma que tal nudez não é tão atraente, nem tão provocante quanto os atavios das mulheres europeias. No entanto, cita as *Escrituras* reprovando a nudez, ao

---

<sup>1</sup> Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o Universo! Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma, a terra está cheia de tua magnificência (LÉRY, 1980, p. 181).

mesmo tempo em que aponta como vício a superfluidade de vestuário (LÉRY, 1980, p. 121).

Mais a frente, ainda nessa questão de costumes, Léry aponta a poligamia dos americanos como um vício e registra o ensino bíblico sobre o matrimônio, comparando o caso com os problemas enfrentados pelos europeus na questão (LÉRY, 1980, p. 223-224). Sua ocupação com a caça e com a guerra são considerados como “verdadeiros sucessores de Lamech, Nemrod e Essau”, personagens do livro de *Gênesis* (LÉRY, 1980, p. 227). Em pelo menos dois momentos Léry indica que a falta da habilidade da escrita é o fator responsável pela divergência de informação quanto eventos históricos registrados na *Bíblia* e encontrados nas tradições indígenas.

Léry também faz uso da *Bíblia* para discorrer sobre as raízes do povo americano. Evidentemente os aponta como descendentes de um dos três de Noé, mas acha difícil dizer de qual. Jafé é descrito como habitante das ilhas, mas isso não implicaria as Américas. Não lhe parecia lógico relacioná-los a Sem, a pai da geração bendita dos hebreus, por serem “os selvagens um povo maldito e desamparado de Deus”. Pareceu-lhe mais provável que descendam de Cam. Sugere também como verossível “que os avós e antepassados de nossos americanos, expulsos de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado e se deixado levar ao léu até aportar em terras da América” (LÉRY, 1980, p. 221). Por fim, encerra a questão de modo mais abrangente, apontando-os como parte da descendência maldita de Adão:

Por mim reputo certo descender essa pobre gente da raça maldita de Adão mas isso não basta para abalar a minha fé, graças a Deus, firme e segura. E não concluo, com os epicuristas, que não existe Deus, porém, ao contrário, que há grande diferença entre as pessoas iluminadas pelo Espírito Santo e as Santas Escrituras e os indivíduos abandonados à cegueira de seus sentidos. E confio cada vez mais na verdade de Deus (LÉRY, 1980, p. 221-222).

### **3.4 O conceito sobre o homem**

Frequentemente Léry faz comparações entre os americanos e os europeus. Algumas igualando-os, numa crítica velada àqueles que se dirigiam aos selvagens com desprezo e também aos franceses católicos. Ao tratar das propriedades medicinais de certo óleo, Léry compara o apreço dos americanos pelo unguento, com o apreço dos franceses católicos ao “óleo santo” (LÉRY, 1980, p. 158). O ódio e a falta de perdão dos indígenas na guerra são comparados com a atitude dos ateus, seguidores de Maquiavel (LÉRY, 1980, p. 184). Esse tema do ódio e da vingança é o principal dos capítulos XIV, que trata da Guerra, e XV, que descreve a antropofagia. Nesse ponto o conceito calvinista da relação entre o homem com o seu semelhante assume papel preponderante.

No entanto, a maioria das comparações procurava apontar relativa superioridade dos americanos. Por exemplo, demonstrando o conceito calvinista acerca da graça comum e do relacionamento entre o homem e o mundo, Léry critica a ânsia por riquezas dos europeus e compara o quadro de valores dizendo:

Este discurso, aqui resumido, mostra como esses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam àqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau-brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem esses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina; insurgem-se contra esses piratas que se dizem cristãos e abundam na Europa tanto quanto escasseiam entre os nativos. Os tupinambás, como já disse, odeiam mortalmente os avaros e prouvera a Deus que estes fossem todos lançados entre os selvagens para serem atormentados como por demônios, já que só cuidam de sugar o sangue e a substância alheia. Era necessário que eu fizesse esta digressão, com vergonha nossa, a fim de justificar os selvagens pouco cuidadosos nas coisas deste mundo (LÉRY, 1980, p. 170).

Ao tratar da prática de comer carne humana, Léry indica que os normandos não só se uniram

aos “costumes bestiais dos americanos”, vivendo como ateus, mas os excediam em desumanidade, “vangloriando-se mesmo de haver morto e comido prisioneiros” (LÉRY, 1980, p. 201). Ainda, após descrever a crueldade dos selvagens para com seus inimigos, pondera que entre os europeus atrocidades piores são praticadas (LÉRY, 1980, p. 203). Assim, Léry atribui à sua fé sua recusa de comer carne humana. Indica com isso que tal prática seria contrária não apenas a seus costumes, mas a seu credo (LÉRY, 1980, p. 201, 265).

### **3.5 O conceito de evangelização**

Como não poderia ser diferente, Léry dá atenção especial às crenças dos tupinambás e a suas tentativas de convertê-los à religião cristã calvinista.

Ao descrever uma ave por quem os indígenas tinham apreço especial, Léry aponta como motivo da preferência a crença de que ela é enviada por seus parentes e amigos mortos como sinal de bom augúrio de vitória nas batalhas e de reunião com seus ancestrais depois da morte. Léry registra tentou demovê-los de tal crença, mas logo ponderou que, considerando que há pessoas que “acreditam e ensinam que as almas dos mortos vêm do purgatório advertir-nos dos nossos deveres”, julgou que os indígenas não estavam “tão longe da verdade”. A favor deles, Léry considera que acreditam na imortalidade da alma mas rejeitam que ela possa voltar fora do corpo (LÉRY, 1980, p. 153-154). Essa crença na imortalidade da alma é descrita assim:

Acreditam não só na imortalidade da alma, mas ainda que, depois da morte, as que viveram dentro das normas consideradas certas, que são as de matarem e comerem muitos inimigos, vão para além das altas montanhas dançar em lindos jardins com as almas de seus avós. Ao contrário as almas dos covardes vão ter com Ainhân, nome do diabo, que as atormenta sem cessar (LÉRY, 1980, p. 207).

Várias tentativas de evangelização de acordo com os padrões doutrinários calvinistas são registradas:

Quando conversávamos com os selvagens e calhava lhes dizermos que acreditávamos em um só Deus soberano, criador do mundo, que fez o céu e a terra com todas as coisas neles contidas e delas dispunha como lhe aprazia, olhavam uns aos outros com espanto e pronunciavam o seu vocábulo designativo de admiração: Teh (LÉRY, 1980, p. 206).

No entanto, a resposta é, via de regra, bastante desanimadora.

E quando ribombava o trovão e nos valíamos da oportunidade para afirmar-lhes que era Deus quem assim fazia tremer o céu e a terra a fim de mostrar sua grandeza e seu poder, logo respondiam que se precisava intimidar-nos não valia nada. Eis o deplorável estado em que vive essa mísera gente (LÉRY, 1980, p. 206-207).

Outra tentativa de evangelização de Léry é descrita na assistência que pretendeu oferecer a uma prisioneira prestes a ser morta e comida. Léry procura adaptar-se a sua crença aconselhando-a a orar a Tupã. Ela respondeu-lhe pedindo algo em troca para fazê-lo. Léry procurou replicar mostrando a importância do ato com respeito ao estado da alma após a morte, mas de nada adiantou (LÉRY, 1980, p. 154).

Entretanto, há também o registro de experiências positivas no ensino religioso aos tupinambás. Léry registra sua estada na aldeia de Oarentin, uma das mais povoadas do país, onde aproveitaram a oportunidade de falar do “Deus verdadeiro” e onde foram ouvidos com disposição. Tal oportunidade surgiu da pergunta de um ancião que os vira orar a Deus antes e depois da refeição (LÉRY, 1980, p. 217). A pregação é que durou duas horas é descrita assim:

Depois de responder ao velho que era a Deus que dirigíamos as nossas preces, o qual, embora não seja visto por ninguém a todos ouve perfeitamente e conhece o



que têm no coração, falei-lhes da criação do mundo; e disse-lhes que se Deus havia feito o homem superior aos demais seres era para que pudesse glorificar o Criador; e acrescentei que como o servíamos ele nos preservava do perigo quando atravessávamos os mares em viagens de quatro a cinco meses sem pôr pé em terra, Declarei-lhes ainda que por esse motivo não temíamos os tormentos de Anhangá (aygnon) nem nesta vida nem na outra e que se eles, selvagens, quisessem libertar-se dos erros em que os mantinham os caraíbas mentirosos e trapaceiros, gozariam das mesmas graças que nós. E para que bem compreendessem os motivos da perdição do homem, tanto quanto para prepará-los para receberem Jesus Cristo, falei-lhes numa linguagem chã durante mais de duas horas, com exemplos e expressões tirados do seu conhecimento cotidiano (LÉRY, 1980, p. 218).

Após ter terminado, Léry registra que outro ancião contou que havia história que contavam de um homem que viera e procurara persuadi-los “a obedecer o vosso Deus”, mas os antepassados não acreditaram nele. Como maldição, receberam o tacape com que matam uns aos outros. Se mudassem agora seriam motivo de zombaria dos povos vizinhos (LÉRY, 1980, p. 218).

Tal resistência tem origem, segundo os padrões calvinistas na condição caída de todos os homens. “Eis um belo exemplo da inconstância desse povo e da natureza corrupta do homem”, diz Léry. Mas isso não tirava suas esperanças quanto à possibilidade de evangelização daqueles povos: “Entretanto sou de opinião que se Villegagnon não houvesse abjurado a religião reformada e tivéssemos podido permanecer por mais tempo no país teríamos chamado alguns deles a Jesus” (LÉRY, 1980, p. 219).

## **Conclusão**

Observa-se a profunda participação da cosmovisão calvinista no texto de Léry. Por todo o texto, os temas são comparados com a *Bíblia* e analisados conforme a perspectiva bíblica reformada.

Para Léry, a declaração do conteúdo da missão vem em termos de edificar o serviço de Deus na perspectiva reformada entre os franceses e os selvagens que habitavam no Brasil (LÉRY, 1980, p. 31). Ainda assim, fazendo do uso do conceito calvinista do homem como imagem e semelhança de Deus, Léry demonstra um profundo respeito à alteridade ao tratar os indígenas de igual para igual, contrariando a visão comum de seus dias que os considerava subumanos, mais semelhantes a animais irracionais (SAMASHIMA, 2004).

Se tudo o mais parece ser diferente, a postura frente à religião iguala os povos e serve de parâmetro de reflexão. Andrea Frisch (2002, p. 88) observa que Léry defende padrões calvinistas em que tanto europeus quanto americanos ficam em falta.

Atenção especial deve ser dada à importância que Léry dá às *Escrituras* e, portanto, à escrita como sinal da bênção divina. Frank Lestringant (2000, p. 88-89) escreve: “Para Léry, a escrita deve ser colocada ‘no rol dos dons singulares que os homens receberam de Deus’. Os índios que a ignoram e por conseguinte não tem acesso à *Bíblia* são, ao contrário, ‘um povo maldito e abandonado por Deus’”.

Não é por acaso que esse é um dos poucos pontos em que Léry é abertamente desfavorável aos indígenas. Sua falta de acesso às *Escrituras* os fez corromper a história de suas origens, do dilúvio, e os impede de usufruir da redenção prometida no Evangelho. A ausência da escrita confirmava, para Léry, a maldição e o abandono de Deus sobre os brasileiros. Janet Whatley (1987, p. 277) observa que

os escritos de Calvino, em sua ênfase sobre uma fonte religiosa pura na Escritura imutável, desprezam a elaboração cultural ou qualquer parte em que a imaginação

humana possa tomar parte na formação da religião.

Tais elementos parecem demonstrar que a fala do protestante atribuída a Léry é o discurso do calvinista. A formação, o contexto e as análises do autor dão sinais claros da presença do calvinismo não apenas do ponto de vista histórico, mas também do ponto de vista literário da obra. Tudo isso enseja o aprofundamento da análise dessa relação em todos os aspectos que envolvem a obra *Viagem à terra do Brasil*.

## **Referências Bibliográficas**

- AUGRAS, M. Imaginária França Antártica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-34. 1991.
- BRATT, J. D. *Abraham Kuyper, a Centennial Reader*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. 2ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2007.
- DAHER, A. *O Brasil francês: as singularidades da França Equinocial, 1612-1615*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FRISCH, A. In sacramental mode: Jean de Léry's Calvinist Ethnography. *Representations*, n. 77, winter, p. 82-106. 2002.
- HOLANDA, S. B.; PANTALEÃO, O. Franceses, holandeses e ingleses no Brasil quinhentista. Em: AB'SABER, A. N. [et al.], *Época Colonial*, v. 1: do descobrimento à expansão territorial (História da geral da civilização brasileira; t. 1; v.1). 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo : Cultura Cristã, 2002.
- LÉRY, J. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LESTRINGANT, F. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss : por uma arqueologia de *Tristes trópicos*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 43, n.2, p. 81-103. 2000.
- MARIZ, V.; PROVENÇAL, L. *Villegagnon e a França Antártica – uma reavaliação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.
- MATOS, A. S. *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MACGRATH, A. *Origens Intelectuais da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.
- SAMESHIMA, M. C. A. As cartas da França Antártica. *Revista Intellectus*, Rio de Janeiro, UERJ, ano 03, v. II. 2004.
- SILVA, W. C. L. *As terras inventadas – Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- STRAUSS, C. L. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.
- VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil, antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- WHATLEY, J. Impression and Initiation: Jean de Léry's Brazil Voyage. In: *Modern Languages Studies*, 1989, p. 15-25.

---

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)  
Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (STPJMC)  
dario.cardoso@mackenzie.br